

## IMPLICAÇÕES ONTOLÓGICAS DA ARQUITETURA NA ATUALIDADE

THAIZ DOS SANTOS DE OLIVEIRA <sup>1,2\*</sup>, GUILHERME RODRIGUES BRUNO <sup>2,3</sup>

### 1 Introdução

Transformações e rupturas, nos mais diversos campos do saber, apontam que se encontra em curso uma transformação social com repercussões ainda imprevisíveis. Impulsionada pela emergência ambiental, bem como pelas lutas sócio-identitárias, destacadamente as de cor e gênero, e a multiplicação dos meios de comunicação ubíqua, ao mesmo tempo em que também, por outro lado, apoiado por movimentos conservadores de negação da ciência, revogação de reformas religiosas, e oposição às instâncias de representação do Estado Democrático de Direito, encontra-se em curso um verdadeiro desafio aos “alicerces metafísicos” das sociedades ocidentais contemporâneas (KRENAK, 2020).

Todavia, longe da visão apocalíptica que esse diagnóstico poderia sugerir, propõe-se que o próximo período histórico seguirá sendo também de desafio às artes, por serem a via de entendimento, interpretação e ressignificação do mundo. Em especial a Arquitetura, que, além de uma arte, é também uma técnica para a realização do tipo de sociedade com o qual será possível resistir e atravessar tal período (GUATTARRI, 2008). Desse modo, o presente subprojeto pretende interrogar a Arquitetura a partir de sua constituição ontológica, pois entende-se que daí possam surgir respostas fecundas aos desafios do presente.

Nesse sentido, estamos falando de uma interrogação metafísica mesmo, sobre os pressupostos imanentes e transcendentais em que a produção arquitetônica se baseia, daí o trinômio *arquitetura, ontologia e magia*, que intitula o projeto guarda-chuva do presente subprojeto. Em contraposição a essa abordagem, hodiernamente a arquitetura costuma se pensar como uma ferramenta útil à institucionalização do mundo (ou ao menos do ocidente), de acordo com os rumos apontados por um determinado *establishment* sociopolítico. No entanto, cada vez mais os profissionais da área têm tido a percepção de que podem e precisam atuar para além das formas institucionais, na esteira do que defendem movimentos decoloniais

1 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Erechim*, contato: thaizdsdo@gmail.com

2 Grupo de Pesquisa: Projeto e Tecnologia da Arquitetura.

3 Doutor em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Orientador.**

e perspectivistas, que ganham força na atualidade, diante do quadro de transformações e rupturas que apontamos anteriormente.

Isso exige uma sofisticação dos discursos que geram e justificam projetos arquitetônicos e urbanísticos, pois quando transpassa a condição de intérprete dos desígnios de um cliente executivo e se estabelece como um agente de execução transformadora, o Arquiteto e Urbanista se depara com desafios de ordem primeira, que dizem respeito à própria constituição do mundo que ele ajuda a construir. Nesse sentido é que o trinômio *arquitetura, ontologia e magia* se apresenta como questão de pesquisa, num cenário onde a construção do real, cada vez mais claramente, não se limita a atender necessidades programadas, mas à dialética programação / desprogramação da sociedade.

O presente trabalho pretende, então, relatar os avanços realizados nessa pesquisa, e também os percalços perante os quais houve necessidade de se fazer adaptações. Com o intuito de especular a respeito desses procedimentos de programação / desprogramação social, exploramos mecanismos de descondicionamento cognitivo, para os quais encontramos referências numa arte antiga que, nesse sentido, se hermana à arquitetura: a magia.

## 2 Objetivos

Realizar uma transposição prático-teórica que articule os três termos que compõem o projeto guarda-chuva no qual o subprojeto se abriga, *arquitetura, ontologia e magia*, para o que, se estabeleceram três metas específicas:

- Definir um recorte da literatura disponível, suficiente para articular os três termos;
- Produzir uma síntese da revisão, aplicada à análise espacial;
- Gerar procedimentos experimentais, para ensaio de aplicações analíticas e projetuais.

## 3 Metodologia

No desenvolvimento da primeira meta, da revisão bibliográfica, a bolsista do subprojeto analisaria a obra “Uma linguagem de padrões”, do Arquiteto Christopher Alexander (2013), sob a hipótese de que os *padrões* apresentados pelo autor pudessem ser de algum modo relacionados à *sigilações*, procedimento de desenho automático empregado por diversas correntes da magia (BETTONI, 2021), de modo que alguma ponte entre esses dois saberes pudesse ser a partir daí enunciada. Saliente-se que o próprio Christopher Alexander, após seu

trabalho com os padrões urbanos e arquitetônicas, e paralelamente a algumas interessantes incursões pelo campo da computação, aproximou-se de correntes esotéricas, culminando com seu total afastamento do meio acadêmico por volta dos anos 1980.

Todavia, certamente devido à densidade e volume de seu trabalho (a última edição brasileira de seu livro conta com 1171 páginas) a atividade revelou-se de difícil tangibilidade dentro do cronograma previsto, de modo que, em seu lugar foi proposto um outro procedimento de pesquisa, ligado ao segundo objetivo específico e constituído de um levantamento de campo. Nesse, foram apuradas informações que auxiliaram a investigação de um peculiar caso de “coincidência significativa” (JUNG, 2005) entre o casco histórico da cidade de Erechim e uma figura quadralética (uma espécie de sigilo) desenhada pelo cabalista inglês do Séc. XVI Robert Fludd (2020).

Como resultado, analisamos dois *topois* da dita “coincidência significativa”, levantando características de sua história e configuração formal. Essas informações estão sendo utilizados na construção de um artigo, a ser concluído em breve, onde a complexa (e estranha) relação entre a cidade de Erechim e o cabalista Robert Fludd será devidamente descrita, não sendo possível apresentá-la nesse breve resumo, todavia, trata-se de um procedimento preliminar ao próximo, o último desenvolvido, e ligado ao terceiro objetivo específico.

O último dispositivo de investigação realizado, então, foi um experimento de contracartografia. Nesse exercício, um grupo de alunos voluntários e a bolsista foram a campo munidos de telefones celulares com aplicativos de preleção espacial e visual randomizada. O objetivo era combinar pontos de coordenadas geográficas com imagens e palavras, todos gerados *ao acaso* pelos diferentes aplicativos (na verdade, gerados por meio de variáveis algorítmicas declaradas aleatórias), nomeadamente, *Randonautica* (1), *Storyboard* (2), *Dream by Wombo* (3) e *O pensador* (4).

Basicamente, os pesquisadores percorreram o trajeto urbano sugerido pelo aplicativo 1 e, chegando ao destino, criaram uma narrativa gráfica por meio do aplicativo 2, que se utiliza de cenas extraídas aleatoriamente de uma rápida filmagem da ambiência local. Por fim, a referida narrativa é complementada com imagens criadas por associações de orações descritivas, no aplicativo 3, enquanto o aplicativo 4 sugere frases, aleatoriamente destacadas de um banco de citações famosas, que poderiam então ser colocadas como legendas de cada uma das imagens anteriores.

#### 4 Resultados e Discussão

No caso da proposta de trabalho com a obra “Uma linguagem de padrões”, de Christopher Alexander, foi estabelecido que se identificariam entre os *padrões* apresentados pelo autor elementos análogos ao que seria uma *ritualística da paisagem*. Paralelamente, já tínhamos em mãos um apanhado de literatura cinza, selecionada sob indicações da primeira bolsista (que teve que se retirar do projeto, ainda em sua primeira fase), composta basicamente por livros da chamada *bruxaria natural*, dentre os quais se pretendia identificar descrições de elementos ritualísticos que estivessem traduzidos em padrões arquitetônicos. Desse modo, o método pretendia unir duas pontas, numa, o encontro de padrões ritualísticos dentre os arquitetônicos, de Christopher Alexander, noutra, de padrões arquitetônicos dentre os ritualísticos, da chamada *bruxaria natural*.

É verdade que esse procedimento dificilmente poderia ser propriamente classificado como uma revisão de literatura, no entanto, dadas as características subjetivas do grupo de pesquisadores e as condições objetivas de realizar uma revisão formal em tão pouco tempo, tal método, além de viável, estaria ele próprio alinhado com a abordagem experimental do subprojeto como um todo. Contudo, em parte por razões já expostas, como a intangibilidade da obra de Alexander, em parte por razões de cunho operacional, como o afastamento da primeira bolsista, não pôde ser desenvolvido até o fim, restando sua conclusão como parte de uma próxima etapa da pesquisa.

No que se refere aos demais objetivos, contudo e apesar de serem planejados como subsequentes ao primeiro, foram realizados avanços e extraídos resultados significativos. Pelo relato dos alunos envolvidos, que constitui parte dos dados produzidos, o emprego dos instrumentos de descondicionamento cognitivo de fato afloram uma dimensão *mágica*, que pode ser útil ao entendimento dos fenômenos urbanos. Desse relato, é possível abstrair a conclusão prévia de que as respostas sociais às intervenções urbanas nem sempre correspondem às expectativas orientadas pela técnica, dos projetistas, porque elas se baseiam em *alicerces metafísicos* distintos daqueles pressupostos pelo pensamento dominante.

O arquiteto e urbanista, tanto quanto dominar um modo de ver e projetar o mundo orientado pela técnica, deve também ser capaz de desver o mundo segundo essa mesma orientação. Algo como uma *técnica de esquecer a técnica*, a ser lançada sempre que os

desafios de projeto o demandar, como nos casos de projetar para populações com perfil socioeconômico ou cultural distintos do projetista.

## 5 Conclusão

Conclui-se que é cada vez mais possível a aproximação entre um conjunto de saberes tão antigo e renegado quanto a magia, com as técnicas e conceitos contemporâneos sugeridos pela mais alta tecnologia. A analogia, ao que tudo indica, não nos lança em trevas pré-iluministas, mas coloca em diálogo as pontas da alta, baixa e contracultura, numa espécie de apropriação *tecnomagocientífica* dos meios de produção social pós-industriais.

Se em algum momento da história moderna, chegou-se a pensar que o arquiteto e urbanista poderia ser um agente educador do gosto popular, conformando-o aos moldes de uma suposta perfeição, no mundo atual, marcado por diversas esferas de soberania, em contraposição, igualmente diversas são as ontologias em atrito e recombinação. Para atuar nessa conjuntura, portanto, ao invés do arquiteto ter a pretensão de desenhar um novo homem, é necessário desenhar um novo arquiteto.

## Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, C. **Uma linguagem de padrões**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- BETTONI, R. **Arte e magia do caos**. Belo Horizonte: Palimpsestus, 2021.
- FLUDD, R. **Microcosmi historia**. Oppenheim: Typis Hieronimi Galleri, 1619. Disponível em <<http://www.lux-et-umbra.com/books/fludd-again.html>>. Acessado em 06 jan. 2020.
- GUATTARI, F. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 2008. (Coleção Trans).
- JUNG, C. G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

**Palavras-chave:** Magia; Contracartografia; Ontologia; Cidades; Arquitetura.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2021-0322.

**Financiamento:** Universidade Federal da Fronteira Sul.